DIÁRIO DO GRANDE ABC

Publicado em 07/11/2022 - 07:46

Entrevista da Semana - Campos Machado

entrevista da semana

Campos Machado,
deputado estadual

'Pelo meu irmão Alckmin, eu pedi voto para o Lula'

SÉRGIO VIEIRA
sergiovieira@dgabc.com.br

Decano da Assembleia Legislativa com oito mandatos consecutivos e prestes a completar 32 anos de atuação, o deputado estadual Campos Machado enfrentou, na eleição deste ano, duas decepções e uma alegria. A primeira decepção foi a não renovação do mandato, em que Campos responsabiliza a falta de estrutura e deslealdade de dirigentes do Avante, seu antigo partido. A outra foi a derrota do governador Rodrigo Garcia (PSDB), que não conseguiu ir ao segundo turno. A satisfação, segundo ele, foi a vitória de Geraldo Alckmin (PSB), a quem ele considera irmão, eleito vice-presidente na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O deputado diz que estará nas urnas em 2024 ou 2026.

O sr. não conseguiu se reeleger deputado estadual na eleição deste ano. Qual seu sentimento após o resultado das urnas?

Sentimento de frustração, tristeza e de injustiça. Faço um trabalho com muita seriedade e com amor. Eu encarei como se o destino estivesse brincando comigo. Com muita humildade, em todo trabalho que eu faço me dedico muito, com as preocupações que tenho em todos os segmentos sociais. Na opinião de muita gente da classe política, eu não merecia não ser reeleito. Nunca recebi tanta manifestação de solidariedade. Eu acreditei na força do trabalho e da dedicação.

Após 30 anos no PTB, o sr. deixou o partido e foi para o Avante em dezembro de 2020. Essa mudança prejudicou sua candidatura?

Acho que minha derrota foi exclusivamente pela mudança de partido. Contribuiu com 100% para isso. O Avante não tem nada a ver comigo. Não tinha nenhuma ligação pessoal com a direção nacional, embora eu fosse o presidente estadual. Geralmente é o presidente do partido quem gere a sigla. Eu nunca tive essa oportunidade. O Avante não foi leal comigo. Se tivesse sido, teria deixado a gestão sob minha responsabilidade, como sempre ocorreu no PTB. Até a sede do partido ficava em uma sala comercial minha, no Centro de São Paulo. Essa mudança de partido não foi só danosa, foi um terremoto na minha vida.

Mas havia clima para o sr. continuar no PTB?

Não, porque o Roberto Jefferson simplesmente chegou em São Paulo e disse que eu tinha de ser candidato a prefeito em 2020. Eu falei que não podia porque tinha um compromisso com o Bruno Covas (prefeito reeleito naquela ocasião e que morreu em maio de 2021), em função do avô dele, Mário Covas (ex-governador, que morreu em 2001), que

"Geraldo vai ser o ponto de equilíbrio e terá papel muito importante na gestão de Lula. Ele é sensato."

tinha sido um pai para mim. E o Jefferson fez críticas pesadas a mim e ao Bruno. Achei uma ofensa e liguei para ele. Daquele dia em diante, não nos falamos mais. Para evitar que ele impusesse naquela eleição, indiquei o advogado Marcos da Costa como vice de Celso Russomanno (Republicanos). Quando acabou a eleição, o Jefferson fez intervenção em São Paulo. Saí e me sugeriram o Avante, um partido novo. Mas foi um erro político. Fui pensando em um coisa e era outra. Hoje está havendo desfiliação em massa do Avante, mas não a meu pedido. Todo dia tem gente deixando o partido. Quem se filiou em função do nosso nome, está saindo. O Avante não cumpriu nada. Não teve diálogo, companheirismo, parceria. Fiquei isolado.

O sr. considera essa uma decepção. A derrota do governador Rodrigo Garcia, que o sr. apoiou, é outra?

Foi uma tristeza. Lá atrás, meu candidato a governador seria Geraldo Alckmin (que trocou o PSDB pelo PSB). Quando o João Doria traiu o Geraldo, ele perdeu sustentação na Assembleia. O único deputado que ficou fui eu. Fiquei com ele sempre. Na gestão do Doria, não fui ao Palácio dos Bandeirantes. Muita gente dizia que haviam dois alckmistas no Estado: Geraldo Alckmin e Campos Machado. Ele decidiu ser candidato a vice-presidente alegando que já tinha sido governador por 14 anos e que tinha chegado a hora de uma união nacional. E eu tinha ao Rodrigo, que é meu amigo, que se o Geraldo não fosse candidato eu o apoiaria. Foi o que eu fiz. As pessoas diziam que eu fazia mais a campanha do Rodrigo do que a minha. Eu dizia que, por questão de justiça, pelo fato de ter sido o governador que mais enviou recursos para prefeituras, ele merecia ser reeleito. E eu o apoiei inteiramente.

Por qual razão o sr. acha que ele não conseguiu ir ao segundo turno?

A minha sugestão era que ele escolhesse como adversário na eleição o Tarcísio de Freitas (Republicanos), que não é paulista. E ele foi contra o Fernando Haddad (PT). Em vez de ter feito uma campanha dura contra o PT, ele deveria ter optado em mostrar que ele reunia mais condições que o Tarcísio, por ser paulista, ser caipira e conhecer o Estado de São Paulo. Além disso, muitos prefeitos o traíram, se omitiram e praticaram injustiça. Rodrigo era o candidato mais preparado para governar o Estado de São Paulo. E isso me trouxe uma decepção porque eu fiz muito pela campanha dele.

O que o sr. espera do governo Tarcísio?

Eu não o conheço. Estou conhecendo agora. A história dele é como ministro do governo Jair Bolsonaro. Espero que ele faça um governo voltado para os interesses de São Paulo.

O sr. disse em janeiro, em entrevista ao Diário, que tinha ficado descontente com decisão de Alckmin, mas sempre se colocou como um parceiro leal. Qual sua avaliação hoje?

Sempre o apoei, em todas as circunstâncias. Quando ele foi candidato a presidente, em 2018, e não foi bem, estive do lado dele. Fui duas vezes candidato a vice-prefeito de São Paulo dele. Quando ele decidiu não sair a governador, eu realmente fiquei decepcionado, porque ele me só posteriormente me disse o motivo de não ser candidato em São Paulo. Mas se eu sou um alckmista e o trato como um verdadeiro irmão, não poderia ficar contra ele. Eu realmente trabalhei por ele, e em função dele, eu fiz a campanha do Lula, junto ao meu grupo político no Estado. Eu dizia que votando no 13, o voto também era para Geraldo Alckmin. Para votar nele, era necessário votar no 13. Durante todo esse tempo, eu sempre fui adversário do PT. E pela primeira vez votei no PT, em função do Geraldo. Por isso, quando ele ganhou a eleição, eu me senti vencedor. Acho que ele vai ser muito importante no governo Lula. Meu grupo em São Paulo, todos os prefeitos, os departamentos, igrejas, votou no Lula em função do Geraldo. Eu indiquei voto no Rodrigo Garcia e no Geraldo/Lula. Fiz eventos para o Rodrigo e para o Geraldo. Por mensagem, o cumprimentei pela vitória nas urnas.

"Democracia é democracia. Quem ganha, leva. As urnas escolheram e ele (Bolsonaro) perdeu. Foi isso."

Qual deve ser o papel do Alckmin no governo Lula?

Ele será o ponto de equilíbrio. Terá um papel preponderante no governo. Ele é sensato e vai trabalhar no sentido de ajudar que a gestão seja de centro. O Geraldo é ligado ao setor agropecuário e muitos outros. Ele não é radical e vai dar um norte. Vai deixar claro para a sociedade que não é o petismo que vai governar, mas sim os interesses do governo.

Depois de 32 anos, como fica seu futuro político? Esse resultado pode significar sua aposentadoria política?

Não. Sou um sonhador, um plantador de sementes de sonhos. Não me sinto derrotado. As circunstâncias e o destino impediram a minha vitória. O grupo segue junto. Ainda neste ano vou criar um movimento político independente, que tenha ações em várias áreas. Esse movimento pretende trabalhar ativamente para as eleições de 2024 e 2026. Eu pretendo escolher o partido que iremos entrar nos próximos meses, no ano que vem. Nós não paramos, seguimos em frente. Estamos montando escritório político para isso.

Ainda que não tenha decidido o partido, quais os requisitos e caminhos ideológicos que irão pesar na escolha?

Um partido que não seja radical, que seja possível ter condições de fazer o trabalho sem radicalismo. E o que é mais importante é que as pessoas que têm me procurado estão empolgadas.

Isso significa que o sr. estará nas urnas em 2024?

Posso estar. O que afirmo é que candidato a vereador em São Paulo eu não sou. De resto, não descarto mais nada. Não descarto candidatura a prefeito. Posso estar em 2024 ou 2026.

Na avaliação do sr., o que aconteceu com Roberto Jefferson?

De alguns anos para cá, ele teve desvio de conduta, abandonou todos os amigos de 30 anos e partiu para uma aventura política totalmente contrária do que ele sempre defendeu. Aquele Roberto Jefferson que eu conheci não existe mais.

E o episódio em que ele atira contra policiais federais uma semana antes do segundo turno?

Ele pensou que o gesto dele fosse ser visto como o início de um movimento de revolta no País contra o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e STF (Supremo Tribunal Federal). E não foi que aconteceu. Ninguém exerçou dessa forma. Mas ele encerrou a carreira política dele quando sepultou o PTB, quando se afastou dos amigos antigos.

Como o sr. enxergou as manifestações, logo após o resultado das eleições, que bloquearam estradas no Brasil?

Foi um equívoco do presidente Jair Bolsonaro ter demorado a se manifestar. Ele poderia ter pedido o fim dos bloqueios antes. No fundo, ele acreditou que as manifestações pudessem ser maiores. E como foram apenas alguns setores dos caminhoneiros, esse movimento não aconteceu. Isso certamente foi uma decepção para ele. Aconselhado a tempo, decidiu tomar providência, que foi gravar aquele vídeo pedindo que as estradas fossem desbloqueadas. Mas ele esperava que houvesse uma manifestação geral do Brasil inteiro contra o resultado da eleição. Democracia é democracia. Quem ganha, leva. Eu não posso reclamar das urnas eletrônicas. As urnas escolheram e ele perdeu. Foi isso.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.